

António Feijó
ILHA DOS AMORES

AUTO DO MEU AFFECTO

ALMA TRISTE

Edição de

Catarina Feijó Rodrigues
Guilherme Pinto
Joana Martinho
Mónica Castro

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2015
1

ÍNDICE

NOTA EDITORIAL

ILHA DOS AMORES:

Com rumo ignorado

Serenada

Hellenica

Lady D. Juan

Domina

Ignez

Purissima

Pallida e loira

Áquella que veio tarde

De noite

Avè, Cheia de Graça

Fiz o meu mel

AUTO DO MEU AFFECTO

ALMA TRISTE:

Domingo em terra alheia

Deante do espelho
Theoria do beijo
O trapista
Nove de setembro
Soliloquio do outomno
Noite de natal
Abandono
Junto do altar
No mez de abril
Silencio
Ballada dos amantes
No campo
Inverno
Durante a procela:
 I – Ideal
 II – Occaso espiritual
 III – A aranha
 IV – O chôro
 V – Tenebrosa
 VI – O espectro
 VII – A caveira
 VIII – Refugium peccatorum
Epilogo

Nota editorial

António de Castro Feijó nasceu em Ponte de Lima, a 1 de junho de 1859 e faleceu, em Estocolmo, a 20 de junho de 1917. Concluiu o liceu em Braga, e licenciou-se depois em Direito, pela Universidade de Coimbra, em 1883.

Além de *Ilha dos Amores* (1897), António Feijó publicou também *Transfigurações* (1862), *Cancioneiro Chinês* (1890) e *Bailatas* (1907)¹.

¹ <http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/portugal/antonio-feijo/biografia-antonio-feijo.html>. Acesso em Abril de 2015

Apesar da importância de António Feijó na literatura portuguesa, este poeta permanece desconhecido do grande público, facto que, em larga medida, nos levou a ver na presente reedição uma oportunidade de divulgação. O título do livro que aqui reeditamos, por outro lado, chamou a nossa atenção pelo diálogo com *Os Lusíadas*.

O livro-fonte

Preparámos a presente reedição a partir da digitalização de um exemplar da primeira edição de *Ilha dos Amores*, disponível no *site* oficial da Casa Fernando Pessoa.

A nossa pesquisa levou-nos a concluir que o livro *Ilha dos Amores* teve apenas uma edição, em 1897. Na capa, além do título *Ilha dos Amores*, constam ainda dois títulos impressos num tamanho de letra mais reduzido: *Auto do meu affecto* e *Alma triste*. Embora o livro seja conhecido pelo primeiro título, ele corresponde apenas ao título do primeiro conjunto de poemas do volume, correspondendo os outros dois títulos aos dois outros

conjuntos de poemas. Por baixo dos títulos, uma imagem feminina levanta uma faixa onde se lê “Espalharei por toda a parte”.

Na capa, foi também impresso o responsável pela edição – “M. Gomes, Editor / Livreiro de suas Magestades e Altezas” – bem como a morada do editor – Rua Garrett (Chiado), 70-72, Lisboa – e a data em numeração romana.

Sobre o lado direito da capa pode observar-se um carimbo, onde se lê “António Augusto Lopes Cardozo / N.º 21 / Favaios”. Este carimbo foi posteriormente riscado, provavelmente aquando da mudança de propriedade.

Normas de transcrição

- Mantivemos todas as características ortográficas do livro-fonte, bem como os tamanhos de letra relativos do corpo do texto, títulos e subtítulos.
- As palavras, expressões, versos e poemas em itálico mantiveram-se tal como se encontram no livro-fonte.
- Não reproduzimos nem a imagem de capa nem as gravuras que antecedem e concluem cada conjunto de poemas, nem as capitais decoradas.
- Não reproduzimos o espaço entre os sinais de pontuação e a palavra anterior, que se observa por vezes no livro-fonte.

- Não reproduzimos as páginas em branco do livro-fonte.
- Mantivemos, na medida do possível, a disposição dos versos nas páginas.
- Não reproduzimos um sinal gráfico, constituído por três asteriscos dispostos em triângulo, que separa poemas, nem mantivemos a numeração das páginas do livro-fonte.
- Uniformizámos o espaçamento entre as palavras.
- Distinguímos com cor sépia os passos que no livro-fonte foram assinalados a lápis por leitor indeterminado.

ILHA DOS AMORES

Tres fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa...

CAMÕES.

Com rumo ignorado
Embarquei-me e parti no meu hiate de Sonho,
Por um luar de ballada e um céu todo estrellado,
Em busca do Archipelago risonho
Onde o Genio do Amor vive encantado.
Andei a procural-o, ás cegas, como um crente,

Sem jámais o encontrar,
Entre as rosas trigueiras do Occidente
E os lírios brancos do jardim polar...
Quem sabe se elle existe, occultamente,
N'alguma ilha do deserto mar?!

No ardôr que me inflammava
Larguei ao vento as arquejantes vélas;
Era claro o luar e o céu azul vergava
Ao peso immenso das estrellas.
O vento enchia as vélas palpitantes
E arrepiava as aguas cariciosamente,
Fazendo-as scintillar como pó de diamantes
Na tremulina do luar fulgente.

Com rumo incerto e sem destino, a prôa ao largo,
À medida que a terra se escondia,

Em pé sobre o convez, os meus olhos alargo
Pela amplidão do mar deserta e fria ...
Nada via surgir do horizonte sem bruma;
Sómente a vaga a espreguiçar-se resvalava,
Como uma grande flôr de espuma
Que a prôa do navio desfolhava.

Mas de repente ouvi certas vozes perdidas,
N'uma orchestra, a distancia e em surdina, a cantar...
Pensei que eram sereias doloridas
Dizendo trovas ao luar;
Mas eram vozes conhecidas,
Vozes d'amantes esquecidas
A cantar e a chorar...

E olhando ao longe, d'entre as humidas neblinas
Que sobre o mar na viração desciam.

Grupos somnambulos d'ondinas
Das aguas pregruiçosas emergiam.
Seus cabellos doirados e macios.
Seus peitos côr de nacar luminoso.
Mesmo atravez da bruma, eu conheci-os...
Não se enganava o meu olhar ancioso.
E uma por uma os seus encantos celebrando,
Como um longo cortejo mysterioso,
Todas deante de mim foram passando...

.....

Esta, d'olhos azues como um linhar em flôr.
De cabelo em anneis côr de bronze doirado,
Foi a que mais amei... Gôso, Volupia, Dôr,
Tudo em ancias bebi no seu peito gelado!

Se tinha coração era um floco de neve,
Que ao fogo das paixões nunca foi derretida;
Era duro e gelado o coração, se o teve,
Como a sua garganta em agatha esculpida!

Aquella, a do perfil aberto em lava fria,
Esbelta e senhoril como uma escuna ao vento,
Tem ainda a expressão que no seu labio ardia,
Rainunculo de fogo entreaberto ao relento.

E outras mais, outras mais... Traidôras, d'olhos garços,
Lindas e meigas como o sol por entre as chuvas...
Ingenuas, de cabelo em fios d'ouro esparsos,
E d'olhos pretos como as uvas!

A cantar e a gemêr queixas de rôla afflictâ,
Passavam a tremêr n'um nevoeiro indeciso,

Com o olhar a cerrar-se em volupia infinita,
Com a voz a expirar no encanto do sorriso.

Graciosas como ao vento os leques das palmeiras,
Via-as, sem emoção, baloiçando-se ao largo,
Bellas como em abril os bosques d'amendoeiras
De flôr tão perfumada e fructo tão amargo!

E todas, pouco a pouco, em seu cortejo lento,
Foram-se dissipando e sumindo na bruma...
Cabellos torrenciaes a dispersar-se ao vento,
Corpos brancos de neve a fundir-se em espuma!

Meu coração porém não podia esquecêl-as;
Deram-lhe annos de dôr, mas divinos instantes,
E poz-se a repetir ás nuvens e ás estrellas
Velhas canções d'amor que lhe inspiraram d'antes:

SERENADA

Astros das noites limpidas, velae-vos!

Luar, desmaia o teu clarão, desmaia!

Cravos, papoulas, rosas, inclinae-vos!

Deixae-a dormir, deixae-a...

Aves, calae-vos no arvoredos antigo!

Silencio, espumas que beijaes a praia!...

Dorme!... sonha talvez... sonha commigo...

Deixae-a dormir, deixae-a...

Soprae de manso, virações caladas!

Ungi-a de perfumes, innundae-a

No aroma das magnolias desmaiadas!

Deixae-a dormir, deixae-a...

*Crystallizae-vos, lagrimas nocturnas,
E em perolas trementes orvalhae-a;
Cai de leve das ceruleas urnas!
Deixae-a dormir, deixae-a ...*

*Astros, luar, constellações, velae-vos!
Aves, silencio! brisa, perfumae-a!
Cravos, papoulas, rosas, inclinae-vos!
Deixae-a dormir, deixae-a...*

HELLENICA

*Dizes que o Amor, thema antiquado,
Só nos agita os corações
Para no Verso atormentado
Fazer modernas variações;*

*Que para o Poeta e para o Artista,
Que a Sensação queima e sacode,
Toda a Mulher, facil conquista,
Ou é uma Estatua ou é uma Ode;*

*E que do Amor, que tudo abarca,
E alaga em sangue e abrasa o mundo,
Fica um soneto de Petrarcha*

E um «Beijo» ideal de João Segundo...

No teu desdem calcas a esmo

Toda a illusão, toda a ventura,

Voluptuosa de ti mesmo,

Ébria da propria formosura;

E para a Fórma que electrisa,

Achas triumpho mal completo,

Ser só na téla Mona Lisa,

Ser só perfume n'um Soneto.

Talvez não saibas, por desgraça,

Sendo como és vaidosa e bella,

Que o sangue nosso é quem amassa

A tinta ardente d'uma téla!

Nem como é rude o esforço adverso,

*O desespero, a commoção,
Com que se engasta n'um só verso
Sangrento e vivo o Coração!*

*Não serei eu quem te persiga,
Mas que esse Orgulho nunca pense
Que em ti achei a Fórma Antiga
N'um sonho vão de atheniense...*

LADY D. JUAN

*Adoro-te. E ninguem, minha Estrangeira loira!
Conhece o teu paiz, a patria onde nasceste,
Nem que alvorada innunda esse teu busto, e doira
O ambar do teu cabello e a côr do olhar celeste!*

*És a Minerva antiga, a olympica e serena
Pallas d'oiro e marfim, que Phidias concebeu,
Ou a Virgem Christã, a Mystica Açucena
Que sobre o globo ostenta o seu perfil judeu?*

*Amphitrite que o sol do boulevard perfuma,
Porventura surgiu das aguas crystallinas
O teu corpo immortal, como uma flôr d'espuma*

*Que navega ao luar entre as Horas divinas?
És tu a Sulamite, a Esposa dos Cantares,
Longe do teu senhor, n'um desejo sem fim?
A Tentação que passa envenenando os ares,
Hécate espannejando azas de Serafim?*

*És Vittoria Colonna? Aspasia? Fornarina?
Que divino escultor teu corpo cinzelou
E te incendiou no olhar, cujo clarão fulmina,
O corisco immortal que Prometheu roubou?*

*Flôr de prata ostentando os seus pistillos d'oiro,
Surges, deusa radiosa, aos meus olhos sem fé,
– Solto na espadua eburnea o teu cabelo loiro –
Como diante do espelho a Eva grega, Psychê!*

*Archanjo ou cortezã, quando a flôr do sorriso,
Abre nos labios teus, romã quasi madura,*

*Que enyigma lhes imprime esse marmoreo friso
Com laivos de desdem, de escarneo e d'armadura?*

*Que nevoa tolda a côr d'esses teus olhos garços
E te faz semelhante aos Anjos fulminados,
Se o teu cabelo rola em turbilhões esparsos,
Como um manto real, nos humeros nevados?*

*É o Odio quem produz essa ironia acerba?
A inconsolavel dôr de algum ideal perdido?
És porventura a estatua augusta da Soberba,
Ou a Mulher que vinga o seu Amor trahido?*

*Nunca em teu coração, que a angustia contamina,
Viste desabrochar, ingenua e virginal,
A Piedade, essa flôr que em todos nós germina
Como um lirio encerrado em urna de crystal?*

*Nunca um raio d'amor, como um luar macio,
Brilhou nos olhos teus que o antimónio aviva,
Nem um beijo esvoaçou d'esse teu labio frio,
Como uma abelha d'oiro errante e fugitiva?*

*D'onde vens tu, que assim o espirito hallucinas
D'aquelles sobre quem poisa o teu claro olhar,
Rainha que a sorrir, nas mãos longas e finas,
Pódes tanta illusão radiosa estrangular?*

*D'onde vens, d'onde vens, que o Amor e o Medo espalhas
Como a flôr que a espargir venenos entreabrisse?
Dizem todos que a um tempo abraças e amortalhas,
Mas vão cair-te aos pés a soluçar: Beatrice...*

*A Vingança é cruel, inconsequente e cega!
Se alguém zombou de ti, pallida romanessa,*

*O ephebo antigo adora e anima a Estatua grega,
Paolo morre beijando os labios de Francesca!*

*Occulto no teu seio existe com certeza
Algum negro, infernal, demonio familiar,
Que te deu a expressão terrivel á belleza
E contra o qual succumbe o Amor, anjo do Lar...*

*Tudo o que as almas prende e os corações enlaça,
Tudo o que dá realce e brilho á Formosura,
A harmonia, a expressão, a suavidade, a graça,
Veio reunir-se em ti, Eva orgulhosa e impura!*

*A Natureza foi horripelmente injusta
Pondo manchas no sol, nevoas no azul do ar,
Dando a um corpo d' Heloisa uma alma de Locusta,
Dando á serpente hedionda olhos da côr do mar!*

*Foi cruel, ao fundir teu corpo incomparavel,
Cujas ondulações felinas e indolentes
Deixam no ar não sei quê de puro e d'ineffavel,
Que aos labios faz subir os corações frementes.*

*Foi barbara, aos vestir d'ingenuos attractivos
Essa augusta expressão de Juno sobranceira...
– O teu sorriso tem venenos corrosivos,
E comtudo rescende á flôr de laranjeira!*

*Ninguem, ninguem dirá que és a Mulher funesta,
Suave cherubim, como a innocencia, loiro!
Mas eu vejo, atravez da tua graça honesta,
Cleopatra a sorrir sobre a galera d'oiro!*

*Lodo que o sol doirou n'um raio deslumbrante!
Fulge no teu altar d'estrellas circumdada,*

*Loira Virgem do Mal, no orgulho triunphante,
Calcando o Homem aos pés, como a Serpente odiada!*

DOMINA

*Como Hercules aos pés d'Omphâle, eu, rude e forte,
Se estou junto de ti, que és melindrosa e fragil,
Sinto que tudo póde a graça do teu porte,
Vejo como o teu braço é vigoroso e agil.*

*Longe de ti blasphemo, exalto-me, protesto,
A fraqueza escondendo em ostentoso alarde...
Appareces, e basta uma palavra, um gesto,
Humilha-se de novo o coração covarde!*

*Com a clava do Heroe, o Orgulho, braço a braço,
Lucta, iroso titan, contra o Desejo infrene;
Mas da Hydra esmagada assim, cada pedaço
Vem de novo enroscar-se em mim, lucta perenne!*

*Passeios, distrações, viagens, o imprevisto,
Sentia em toda a parte esse lampejo eterno,
E as vozes da paixão, n'um coro nunca visto,
Como lobos a uivar, famintos, pelo inverno.*

*Não ha desdens, não ha injurias nem affrontas
Que possam insuflar-me uns ultimos assomos...
E é com esta baixeza horrivel que tu contas!
Confessaste-o uma vez... Que miseraveis somos!*

*E no emtanto, – vê tu que horrivel desatino! –
Se em meus braços te cinjo, ou demonio, ou rainha,
Esquecendo traições e infamias, imagino
Que és minha, toda minha, unicamente minha!*

IGNEZ

*Na tua bôcca macerada
Por tantos beijos mercenarios que soffreste,
Meu labio achou ainda a candura sagrada
Que da avidez das outras bôccas escondeste...*

*E no teu peito exausto, onde em tumulto ouviste
Tantas paixões rolar,
A minh'alma escutou, n'um echo amargo e triste,
A primeira innocencia em segredo a chorar!*

*A chorar em segredo a pureza da infancia,
A candura perdida,
De que eu sentia ainda a ultima fragrancia
A evolar-se de ti, como d' urna partida.*

Pobre flôr torturada! O teu doce perfume

Foi delicia e veneno...

Pairava o teu Amor como n'um alto cume:

Só podia attingil-o o meu beijo sereno!

Todo o teu sêr vibrou como uma flôr ao vento,

Tremeu, desfalleceu...

E a tua alma, esquecendo o seu longo tormento,

N'um sorriso de gloria á tua bôcca ascendeu!

Vinha cheia de graça e candura ineffavel,

D' innocencia e de pejo,

Que eu fiquei a scismar se esse beijo insondavel

Seria porventura o teu primeiro beijo!...

PURISSIMA

*Vejo-a em frente de mim, melancolicamente,
Na sua graça real de flôr branca e doente,
Doirada pelo sol claro da minha terra...*

*Vejo-a em frente de mim, no exilio que me aterra,
Abrindo o seu piedoso e macerado olhar,
Onde o amor e a paixão se enlaçam a boiar
Na lagrima em que vae suspensa a minha vida.*

*És tu, ficção divina, a Esposa Promettida,
Aquella virginal, pallida creatura,
Meiga como a pureza, alva como a candura,
Que no meu coração tenho ha tanto gravada,
Toda de sol vestida e d'astros coroada?*

*És tu o ardente ideal que o Sonho concebeu,
Echo da minha voz, sêr paralelo ao meu,
Com o mesmo pensar e a mesma aspiração,
– Dois corações marcando uma só pulsação,
Chammas da mesma luz, labios á mesma altura?*

*Não és tu quem procuro ha tanto? Porventura
Meu pobre coração, fremente d'anciedade,
Não lê no teu olhar, claro como a verdade,
Na tua bócca divina onde florescem beijos,
No teu seio tremente e virgem de desejos,
A ternura, a expressão, o resplendor, a graça
D'aquelle immenso amor, que nos subjuga e enlaça
E os nossos corações funde no mesmo raio?
Que significa então este intimo desmaio,
Esta voluptia em que me sinto adormecêr,
Senão a irradiação divina do teu sêr,*

*Que em mim accende e ateia esse clarão intenso
Que sáe do coração e vae, alto e suspenso,
Beijar e illuminar o alvôr da tua pelle?
Não é amor, não é paixão, isto que impelle
Os nossos corações, como no immenso mar
Duas garças reaes que vão voando a par?*

*Desde que te sonhei, muito antes de te vêr,
O fluido mysterioso e puro do teu sêr
Já no meu coração, d'outros sonhos proscripto,
Tinha estratificado o incoercivel mytho
N'essa pedra angular do amor e da paixão,
Que a espuma do prazêr bate n'um turbilhão,
Sem nunca a desgastar, sem nunca a submergir!*

*Ha uma folha que é sempre a ultima a cair
Das arvores; ha sempre um sonho ou uma illusão*

*Que é a última a expirar dentro do coração...
Vi desfazer-se tudo em miserável poeira!
Só tu me restas, flôr branca de laranjeira,
Como ao dia que morre o occaso luminoso,
E a estrella d'alva ao céu nocturno e mysterioso...*

PALLIDA E LOIRA

*Que profunda tristeza olhando esse caminho
Por onde Ella passou, entre cirios a ardêr!
Ia branca no esquife, em seu manto d'arminho,
Rainha da minha alma, ave do meu carinho,
D'aza implume e já morta antes do amanhecêr...*

*Como eu me lembro ainda, olhando essa avenida
Por onde Ella passou, nevoa branca d'incenso!...
Morta, virgem e noiva, a que era a minha vida!
A acacia tem ainda a sua rama pendida,
O chorão verte ainda *o seu pranto suspenso...**

*Ah, que melancholia o espirito transporta,
Aqui, n'este caminho, á dôr d'esse momento!...*

*Era estreito o caixão, muito estreito... que importa?
Se os meus sonhos levava enlaçados na morta,
Mortos uns de volupia, outros de soffrimento!...*

ÁQUELLA QUE VEIO TARDE

Corpo d'arminho, alma d'arminho,

O teu perfil espiritual

Lembra uma santa illuminada em pergaminho

N'um livro d' Horas medieval.

De rendas finas como pennas,

Feitas n'um mystico tear,

As tuas mãos parecem duas açucenas

Desabrochadas ao luar.

Branco de neve e luar coalhado

Sobre magnolias a entreabrir,

Teu lacteo seio é como um ninho immaculado

Onde os meus sonhos vão dormir...

*Accorde mystico e divino.
Murmurio languido de prece,
É como um som azul e branco, harpa e violino,
A tua voz que me adormece.*

*O olhar azul, o olhar celeste,
Tem tal doçura e tal uncção,
Que d'uma auréola seraphica te veste
Como o esplendor d'uma Assumpção.*

*E o teu cabelo, oiro tostado,
Tão lizo e loiro sobre a testa,
Traz o teu rosto de madona emmoldurado
N'um bysantino halo de festa.*

*Que direi eu, que mais exalte
Essa figura espiritual,
Oh minha santa illuminada a oiro e esmalte
N'um livro d'Horas medieval?*

*Avè, Maria! É este o grito
Em que os meus versos se condensam,
Quando te vejo e o teu olhar, sempre bemdito,
Cáe sobre mim como uma benção...*

DE NOITE

*No tear do Sonho, ao luar dorido,
A minh'alma triste pôz-se a tecêr,
E de pensamentos fez um vestido
Para te cobrir e te protegêr.*

*Fez-se côr da Noite e da minha Magua
O pesado estofo em que te envolvi...
Tunica ou sudario, olhos rasos d'agua,
Puz-me a soluçar quando t'o vesti.*

*O brocado regio era nevoa espessa...
Como pôde crêr a minha alma viuva,
Que do proprio sangue uma aranha teça
Musselinas d'oiro em manhãs de chuva?*

*Tecedeira triste, alma d'exilado,
Que podia dar, vindo do destêrro?
Põe-se a imaginar mantos de brocado
Mas apenas tece europeis d'entêrro.*

*Eram illusões tudo o que eu tecia,
E na minha dôr, nem sequer pensava
Que o prateado fio em que a teia urdia
Era dos meus olhos que se desfiava...*

AVÈ, CHEIA DE GRAÇA

*Sempre que cerro o olhar involuntariamente,
Como um passaro a voar na direcção do poente,
Para junto de ti meu pensamento esvoaça,
Cheio d'aquella uncção, irmã gemea da graça
Que a tua alma divina irradia na minha...
Cuido então que o teu sêr aereo se avisinha,
Ouço-te respirar, sinto o arfar do teu seio,
E ajoelhado a teus pés, n'esse amoroso anceio,
Ebrio d'uma fragrancia ideal que me suffoca,
Penso que andam no ar beijos da tua bôcca,
Como rosas d'abril que a viração desfolha
E deixa sobre mim cair folha por folha...
Hallucinado, estendo os braços e procuro*

*Contra o meu comprimir teu seio branco e puro,
E no extasis do Sonho, assim, ambos unidos,*

*Os nossos corações palpitam confundidos
E abrasados no mesmo ardôr, na mesma chamma.
O effluvio virginal que o teu olhar derrama,
Ineffavel clarão do alvorecêr do dia,
Como um vinho de luz que as almas inebria,
Verte na minha magua a beatitude estranha
Que só o luar produz quando, sobre a montanha,
Em stalactites cáe pelo arvoredado antigo!
Horas e horas fico a antegosar contigo,
Na volupia suprema, a transfusão divina
De duas almas que o mesmo ideal prende e fascina,
Realizando assim na terra esse adelphado
Sublime, esse alto e puro amor, esse elevado
Sentimento, immortal e mystico prazer*

Da completa absorpção d'um sêr pelo outro sêr.

*Isto que sinto em mim, sinto-o e vejo-o presente
Sempre que cerro o olhar involuntariamente,
Sempre que para ti meu pensamento esvoaça.
É o divino reflexo, o resplendôr da graça
Com que a virtude antiga o teu perfil reveste,
Que aos meus olhos te faz surgir, Lirio celeste,
Como uma apparição d'estrellas circumdada,
Tendo a lua a teus pés d'um pallôr d'alvorada,
E uma Açucena d'oiro em tuas mãos erguida!
É assim que eu te vejo em sonhos, concebida
Sem mácula, sem nodoa alguma do Peccado,
Como um raio de sol sobre a neve coalhado,
Como uma orchidea d'oiro orvalhada ao luar.*

Ideal, visto atravez d'uma aurora polar,

*Não é o teu corpo, a fôrma augusta, incomparavel,
Que mais adoro; é o teu espirito ineffavel,
É o teu sorriso, é a tua voz, é o teu olhar,
Onde a graça divina arde como o luar,
N'uma noite profunda e sem astros, suspenso.
É essa virginal auréola, esse intenso
Resplendôr que te cerca a fronte e te circumda
De raios, em que o meu espirito se innunda,
Que da minha memoria em tormento apagaram
Todas essas visões que antes de ti passaram
Pelo meu coração devastadoramente.
D'esses vastos clarões d'incendio, lentamente
Extinctos, o montão immenso das ruinas,
Apenas descerraste as palpebras divinas,
Transformou-se ao luar dos teus olhos radiantes,
E o Amor, Phenix eterna, as azas palpitantes
Abrindo, sobre mim como uma aguia pairou.*

*N'essa luz sororal tudo se dissipou;
Nem do primeiro amor vejo a sombra illusoria,
Como uma flôr morrendo a um canto da Memoria.*

*Trago o meu coração um céu estrellado
Feito do resplendôr d'um dia de noivado...
Tudo canta em redor de mim, tudo palpita!
Bem dita sejas tu, oh minha Irmã, Bem dita!*

*Separei-me de ti ha seculos, – tres dias! –
E és tu a unica luz, és tu que me allumias,
É sempre o teu olhar suavissimo e profundo
O sol que para mim arde e illumina o mundo,
A estrella d'alva, o meu refugio, o meu amparo!
Longe embora de ti, de ti nunca separo
Meu pobre coração que anda por toda a parte
N'um alvoroço eterno e santo a acompanhar-te,
Deixando em seu logar, esculpido em meu peito,*

*Esse busto immortal, purissimo e perfeito,
Que eu vejo dentro em mim todo resplandecente,
Sempre que cerro o olhar involuntariamente,
Sempre que para ti meu pensamento esvoaça...
Bem dita sejas tu, Avè! cheia de graça...*

Fiz o meu mel de todas estas flôres,
Mas o doirado e precioso mel,
Quando a alvorada abria o leque d'esplendôres
Transformava-se em fel...

Como uma abelha andei de desejo em desejo
Pelo Jardim das Illusões,
Colhendo em cada bôcca a flôr do mesmo beijo,
Vendo o mesmo sorriso a disfarçar traições.

Saturei o minuto da Existencia
Em toda a embriaguez...
Dizei-o vós, oh noites de demencia,
Peitos brancos d'Ignez!

Dizei, conta o meu delirio insano,
Beijos mais numerosos que as estrellas!
Mas o meu coração, d'engano em desengano,
Passou nos escarceus como um barco sem vélas...

Comprimido, esmagado em seu carcere estreito,
O meu Sonho procura em ancias attingir...
Deus não podia pôr-me este incendio no peito
Só para cinzas produzir!...

E por isso embarquei no meu hiate de Sonho,
Por um luar de ballada e um céu todo estrellado,
Em busca do Archipelago risonho
Onde o Genio do Amor vive encantado...

A viração da noite as nevoas diluia;
Pairava em torno a mim um silencio sem par;

Nem o vento gemia,
Nem suspirava o mar...
A Lua Nova adormecida
Erguia as pontas a anunciar procellas...
– Foucinha d’oiro esquecida
N’uma campina d’estrellas.

Aves tristes d’agoiro, em orbitas incertas,
Esvoaçavam no ar quente e paralyzado,
E um enorme condôr, d’azas negras abertas,
Levava um coração no bico ensanguentado.

Mas se ha presagios maus e difficeis jornadas
Quando a Fé não subjuga as chimeras errantes,
Nas terras de Galaad as biblicas estradas
Perfumavam os pés dos miseros viandantes.

Alma intrepida, ao largo! O vento refrescava,
E no silencio ameaçadôr,
Gracioso e leve, o meu navio bolinava
Cortando as aguas sem rumor.

Nada via surgir do horisonte sem bruma;
Sómente a vaga, ao vento aliseo, resvalava,
Como uma grande flôr d'espuma
Que a prôa do navio desfolhava.

Mas pouco a pouco o luar sobre as aguas morria,
Entre nuvens a erguer-se em alteroso cêrro,
E a escuridão profunda e tragica descia,
Caíndo sobre o mar como um panno d'entêrro.

Relampagos, trovões, mar em furia, rajadas,
Ondas tentando erguer-se ás nuvens incendiadas,

– A tudo impávido affrontei!

E após a lucta, olhando ao largo, ancioso e ardente,

Quando a luz da manhã fez explosão no Oriente,

Terras longinquoas avistei!

Não eram sombras nem miragens

Na luz diffusa e pallida do dia;

Era um mundo lunar com estranhas paizagens

O que aos meus olhos ávidos surgia.

E quando a pouco e pouco as sombras desmaiavam

No resplendôr do sol, que das aguas rompia,

Erguidos com soberba graciosa,

Tres formosos outeiros se mostravam

Coroados de nevoas côr de rosa...

Viva Deus! a Alegria abre as azas serenas

Pairando sobre mim como um largo docel;

Fazem ninho em meu labio as abelhas d'Athenas
Que a bôcca do Poeta impregnaram de mel;
Andam no ar perfumado echos de cantilenas,
Musicas pastoris d'hellenico vergel.

Suspenso o coração, e os olhos deslumbrados
N'aquella apparição d'esse raro momento,
Começava a entrevêr bosques, rios prateados,
Com a mesma surpresa e o mesmo sentimento
D'alguem que ao despertar visse realizados
Os castellos que andou a edificar no vento...

E é lá que a minha Noiva em sobresalto espera,
Como uma deusa antiga o seu pastor errante.
Nas collinas em flôr, sorrindo, a Primavera
Cobre d'aureos festões seu thyrsos de Bachante,
E as Horas vão passando, engrinaldadas d'hera,

Umás da côr da Lua, outras do Sol radiante!

Oh Musa Antiga, d'olhos placidos, rasgados
No marmore d'um busto aureolado e sereno!
Inspira-me e desvenda aos meus olhos nublados
A graça e a proporção do sentimento helleno.
Revela-me n'um gesto os mais altos modelos
Do Verso lapidar, para n'elle esculpir,
Com encantos de deusa e doirados cabellos,
Essa flôr de volupia a tremêr e a sorrir!
Ensina-me em segredo o genio incomparavel
De poder transformar os versos que componho,
E d'um jacto fundir, com tua arte impeccavel,
N'um distico immortal a visão do meu Sonho!
Basta o oiro do sol para a côr dos cabellos;
Para os olhos azues basta o azul crystallino,
Se o Verso lapidar souber circumscrevêl-os

N'um jambo grego ou n'um hexametro latino!...

E enquanto a minha voz sem echo se perdia
Na ardente aspiração da Graça e da Belleza,
O meu navio as vagas limpidas fendia,
– Vélas brancas ao sol sob um céu de turqueza.
Mas, – oh prodigio! oh maravilha! –
A miragem divina afasta-se e recúa!
Sobre as aguas levada, a misteriosa Ilha
Como uma enorme flôr aquatica fluctua!

E o meu navio avança, o panno todo ao vento,
Mas a Eterna Chimera, a distancia, a illudir-me,
Murcha em meu coração como a flôr d'um momento,
Corre deante de mim como a Esperança a fugir-me!

E assim andei de tudo e todos esquecido,
Annos, dias talvez, talvez breves minutos,
Tendo entrevisto o Ideal sem o ter attingido,
Coberto o coração d'inconsolaveis luctos.
Hoje, de volta ao meu eterno exilio,
Mal póde a phantasia imaginar
– Todo cheio de sombra e paizagens d'idyllio –
Esse mundo lunar...
O sol da Mocidade escondeu-se no Poente;
Mas nos seus ultimos clarões,
De joelhos peço a Deus, n'uma supplica ardente,
Novas chimeras e illusões,
Para o meu coração em silencio adorar,
Quando o Inverno vier melancholicamente
Sentar-se ao pé de mim no meu deserto Lar!

AUTO DO MEU AFFECTO

(1887)

PRELUDIO

Ao luar dormente, ao luar dos tropicos, no exilio,
Sobre um terraço á beira-mar,
Procurei na memoria as rimas d'este idyllio,
– Contas perdidas d'um collar...

Do coração, robusto ainda, em cada leiva,
Com todo o affecto architectei-as;

Insufflei-lhes calor, graça, perfume, serva,
– Tudo o que espuma em nossas veias...

Derradeiros clarões d'um poente côm de sangue,
Onde, em tristíssima viuvez,
Como aguia moribunda, a Mocidade exangue
Contempla o sol a ultima vez...

Ingenuos corações que idealizaes venturas!
– Andam morcêgos a esvoaçar...
Lêde vós, lêde vós as minhas desventuras,
Olhos vermelhos de chorar! ...

In questi rime sparsi
Son d'Amor mille inganni,
Brevissimi dilette, e lunghi affanni.
Chi legge i miei martiri
Raffreni i suoi desiri;
Che seminando in fral beltà si coglie
Pianto amaro, aspre doglie.

De' madrigali di
PIETRO PETRACCI

I

Hontem, quando passei, d'olhos cravados
Nos teus olhos azues, – como um gracejo –
Com esses dedos finos e rosados,
Atiraste-me um beijo.

Que mal fizeste! Os beijos namorados
São como certos fructos do Equadôr:
– Devem ser nos arbustos apanhados
Para terem sabôr...

II

Ninguém sonhou palavras inflammadas
No incendio da paixão e do desejo,
Que na eloquencia fossem igualadas
Ao fremito d'um beijo.
Deixemos pois as phrases requintadas,
E os nossos versos languidos acabe-os
O estrepido das rimas, esmagadas
Sob a pressão dos labios!

III

Quando tu fallas, nem sequer palpita

Meu coração, de súbito parado...

E queixas-te de mim, tudo te excita,

Por me vêres calado.

Mas quem, ouvindo a musica bemdita

Da tua voz, não se ha de extasiar?

Quando nos falla uma mulher bonita

Ouve-se com o olhar...

IV

Que impertinencia a tua! E todavia

Prefiro vêr-te assim, branca e nervosa,

Nos relêvos da cólera sombria,

Filha d'Eva orgulhosa!
Ficas mais bella assim, pallida e fria,
Vibrando n'esse electrico lampejo...
Mas não te exaltes mais, toda a ironia
Dissolve-se n'um beijo...

V

Adoro o teu olhar que me fulmina,
Sendo um claro e suave rosiclér;
E beijo a tua mão pallida e fina,
A tua mão que me fere...
Por um momento apenas, imagina
O que eu faria, que nervoso alarme,
Se essa traidôra mão, quasi divina,
Quizesse acariciar-me!?

VI

Com a triste ironia do desgosto,
Expondo as minhas queixas amorosas,
Lamentava que Deus tivesse posto

Os espinhos nas rosas...

E tu, erguendo o illuminado rosto,
Disseste cheia de infantis carinhos:
Devias adoral-o... por ter posto

As rosas nos espinhos!

VII

Não sei que mágua o teu silencio encerra,
Que tenebrosa idéa te domina...
Falla! Responde! O teu silencio aterra,

E o teu olhar fulmina!
Deus fez o Amor para animar a terra,
Fez o Prazêr para encantar a vida...
Abre os teus labios, meu amor! Descerra
O teu olhar, querida!

VIII

Tens medo de morrer, alma insoffrida!
Ainda ha pouco, tremente de receio,
Reclinavas a fronte dolorida,
A chorar, no meu seio...
Mas essa apprehensão indefinida
É quem alenta a nossa horrivel sorte!
Existiria algum prazer na vida,
Sem o terrôr da Morte?...

IX

Dizes, quando os teus olhos ineffaveis

Julgam as minhas amarguras vê:

– «Abandona esses livros miseraveis!

Não é bello vivêr?» –

Como és ingenua! A dôr que me trucida

Não vem dos livros que costume lê;

Para aprendêr a desprezar a vida,

É bastante vivêr!

X

Afasto-me de ti porque receio

Que o meu amor te faça desgraçada...

Não brota na charneca do meu seio

Nem uma flôr sagrada.
Por isso fujo da attracção que leio
Na clara festa d'esse olhar risonho,
Com a tristeza, o desespero, o aneio,
De quem foge d'um Sonho...

XI

Devo partir... Teus braços enlaçados
Prendem-se em mim como um collar macio,
Quando se tinge em laivos inflammados
O céu pallido e frio...
Gritos, soluços, prantos derramados!
– Os braços da mulher que nos enleia,
Por mais ternos que sejam e adorados,
– São sempre uma cadeia...

XII

Apalpo o lado esquerdo... Não sentia
Batêr meu coração, que te adorava;
De mim, saudoso, o misero fugia
 E o teu seio buscava...
Assim devia sêr! Como eu partia,
Elle que tanto amou, tanto soffreu,
Convulso, afllicto, exanime, devia
 Ficar junto do teu...

XIII

No abandono da minha soledade,
Em que a Memoria absorve o Pensamento,
Como a lua das ruinas, a Saudade

Abre o olhar somnolento.
E é n'essa luz, é n'essa claridade,
Que o teu vulto divino se accentua,
Como a nuvem d'um céu de tempestade
No sudario da lua...

XIV

Muitas vezes a Ausencia prolongada
Tudo esbate em longinqua perspectiva;
Outras vezes porém, chamma sagrada,
As imagens aviva.
– Tumultuosa corrente extravasada,
Tudo submerge e arrasta n'um momento!...
Mas quando torna a angustia concentrada,
Devora o Pensamento!

XV

O que mais me commove e me contrista,
N'este pezar que se apossou de mim,
É não sabêr, – que tenebroso egoista! –

Se te lembras de mim...

Qualquer idéa em que a memoria insista
Redobra a nossa angustia, é uma afflicção...

E eu vivo a repetir: – *Longe da vista,*

Longe do coração...

XVI

Mandaram-me dizêr que me trahiste...

Nunca o meu cego amor acreditou!

Mas um dia, no peito amargo e triste,

A duvida passou...
E esse vivo relampago persiste,
Labareda em continuo turbilhão...
O que será de mim, se me illudiste,
Minha unica Illusão?

XVII

Já não duvido mais! Na minha ausencia
Mostraste bem toda a perversidade...
O que eu julgava ser maledicencia
Tornou-se em realidade.
E era tal o fervor, tal a demencia
D'essa paixão, que envergonhado escondo,
Que ainda tinha perdão, tinha indulgencia,
Para o teu crime hediondo!

XVIII

Uma formosa e tímida ponia,
Que a luz da lua fez desabrochar,
Pensou de madrugada que morria,
 Saudosa do luar...

Mas quando o sol deslumbrador sorria,
Como doce carícia que fluctua,
N'uma voluptua languida, a ponia
 Esqueceu-se da lua...

XIX

Vôa como uma flecha o Pensamento,
Alto e largo no azul, batendo as azas,

Entre as poeiras astraes do firmamento
 Radiantes como brazas...
Mas debalde procura o esquecimento;
Resplende em cada estrella uma illusão...
Deixal-o andar no seu deslumbramento:
 Dorme tu, Coração!

XX

Um rouxinol apaixonou-se um dia
Por uma altiva e delicada rosa;
Mas debalde cantava, não o ouvia
 Essa flôr desdenhosa...
E o rouxinol, coitado, succumbia...
Vendo que a bella e zombeteira flôr,
Dos insectos grotescos recebia
 O fugitivo amor...

XXI

Confessaste uma vez, sincera e franca,
N'um momento d' angustia e d'afflicção:
– Dos nossos corações ninguém arranca
 A primeira paixão...–
Por isso a minha dôr nunca se estanca,
Vendo a antiga illusão murcha entre gelos,
Como o cadaver d'essa rosa branca
 Morta nos teus cabellos...

XXII

Foram as tuas culpas relevadas
Porque soffreste, e mais, porque choraste!
Tinhas ainda as faces orvalhadas,

Rosa a tremêr na haste...
Lgrimas são as abluções sagradas;
Filhas da nossa dôr, d'ellas dimana
O sal que limpa as almas ennodoadas
Na corrupção humana.

XXIII

– «Tornar a vêr-te! Que divino encanto
Teus olhos vertem no meu peito exangue!
Deixa-me inebriar, murcho amaranto,
No aroma do teu sangue!» –
Mas tu, sorrindo, suffocada em pranto,
Disseste-me: – «Que bello era morrêr!
Ninguem no mundo tem vivido tanto,
Se soffrêr é vivêr!» –

XXIV

Tu, que frivolamente me trahiste,
Lamentas hoje o teu passado escuro,
E aquelle amor que nos meus olhos viste
Immaculado e puro...

E, na saudade em que a memoria insiste,
Choras sobre esse amor, branca e piedosa,
Com o teu rosto lacrimoso e triste
De Venus Dolorosa...

XXV

Commouve-me essa angustia, essa desgraça,
Porque da mesma dôr tambem succumbo;
Ambos choramos a Illusão que passa

N'um féretro de chumbo...
Mas antes que de todo se desfaça,
Que o nosso olhar a enleie n'um instante,
Como uma trepadeira que se abraça
A um poste gottejante...

XXVI

No estio os bosques toucam-se de ramos,
Mas a flôr que morreu não resuscita!...
Porventura nos beijos que trocamos,
O antigo amor palpita?
Nas volupias, que em sonhos evocamos,
Um vendaval asperrimo soprou;
É que entre nós, que tanto nos amamos,
Uma lesma passou...

XXVII

Junto de ti, o meu fervor consiste
Em reanimar o Sonho que morreu;
E o meu olhar, contemplativo e triste,
 Abysma-se no teu.
Mas a illusão, que momentanea viste,
A uma visão funerea se transporta:
A *outra*, que eras tu, já não existe...
 E imagino-te morta...

XXVIII

Sonho-te morta, e vejo-te deitada
Sobre a eça, entre lividos tocheiros,
Com a fina cabeça emmoldurada

Em doirados nevoeiros...
Sonho-te morta, e vejo-te levada,
Sem um grito, um murmúrio d'oração...
Mas toda a terra sobre ti lançada
Cáe no meu coração! ...

XXIX

Rimei estas oitavas dia a dia,
Para esquecer um íntimo pezar...
Dizer as nossas máguas allivia,
É um balsamo cantar...
Assim na grande nau da Phantasia
Pelo Oceano das Lagrimas navego,
Entre as doiradas vespas da Ironia,
E o Ciume – esse morcego...

ALMA TRISTE

DOMINGO EM TERRA ALHEIA

Domingo triste, protestante e frio...

Onde estaes vós, Domingos d'outros annos,
Adro da minha Igreja, alamêdas do rio,
Dias santos de sol catholicos-romanos?

Vejo-vos atravez d'este obscuro Dezembro
Como por uma lente d'esmeralda;
Se penso em vós, nem sinto a neve, nem me lembro
Da febre impertinente que me escalda.

Sinto-me revivêr sob o luar da Saudade,
Como se porventura ao seu dôce clarão
O cadaver da minha Mocidade
Se levantasse do caixão!

E de novo regresso á minha terra,
Fugindo em desalinho,
Como o perdido viandante que se aterra
E torna atraz no seu caminho.

Chego, e deante de mim, onde a vista se perde,
Em minha honra, abrindo o festival thesoiro,
A terra estende a sua toalha verde
E o ceu accende os candelabros d'oiro.

Rindo, percorro os sitios predilectos
– Adros d'Egreja ou pateos de casaes...

Mas de certa janella uns certos olhos pretos
Cravam-se em mim como punhaes!

E eu fico absorto, como outr'ora, ao vêl-a,
A gelosia onde esse olhar flammeja,
Tão luminoso e ardente, que a janella
Fulge como a rosácea d'uma egreja...

Como são bellos os domingos nas aldeias!
Missas d'alva, manhãs serenas d'alegria,
E um Deus amavel, que até mesmo as feias
Leva rindo e cantando á romaria!

Dansas alegres pelas eiras,
Cantigas tristes nas quebradas...
Capellas a luzir cercadas de roseiras,
Laranjeira em flôr sorrindo ás namoradas!

Cantam os gallos... Toca, sineiros!
É missa d'alva, que lindo dia!
E como o rio se espreguiça, entre os salgueiros,
No seu lençol d'areia avelludada e fria!...

Rindo e brincando, passam as horas
Pelos outeiros do meu lugar,
– Labios risonhos tintos d'amoras,
Boccas vermelhas sempre a cantar...

São João era moreno,
É moreno o meu amor;
Anda ao sol, anda ao sereno,
Nunca muda aquella côr.

Desde que o sol anda fóra
Ponho o meu linho a corar;
Quanto mais o linho córa,
Mais morena hei de eu ficar.

A rosa da Alexandria
Dá-lhe o vento, cae no chão;
No meu peito, noite e dia,
Nunca dorme o coração.

O barquinho vae nas aguas
Com a borda rente ao mar;
Pesam tanto as minhas maguas
Que mal póde navegar.

Mas a doce canção morre nos meus ouvidos
Como o ruído da vaga a espriar-se na areia;
Se o canto ainda se escuta, as notas são gemidos...
Só a voz da Saudade echôa em terra alheia!

Desperto; volto a mim; foge o encanto da hora;
O vento geme na vidraça...
Vou correr, divagar pela cidade fóra;
Mas só de quando em quando algum enterro passa!...

DEANTE DO ESPELHO

«Sait-on au juste ce que Narcisse a vu dans la
fontaine et de quoi il est mort?»

Dizem que a Vida é curta... E os que soffrem, famintos?
Para mim é tão longa e tão cheia d'enganos,
Que eu penso, ao revolvêr os meus sonhos extinctos,
Que nasci ha cem annos!

E espanto-me, fitando o meu rosto no espelho:
Nem uma ruga só, nem um cabello branco!

Mas nos meus labios paira um sorriso de velho,
E as lagrimas a errar nos meus olhos estanco...

A fronte guarda ainda a firmeza vaidosa
Que á fôrça juvenil dá relevos d'heroe;
Mas se o fructo conserva a sua polpa graciosa
Já no seio alimenta o verme que o destroe.

Horas inteiras fico a olhar, hypnotisado,
Essa imagem que o espelho a principio compôz;
Mas pouco a pouco vejo o meu rosto mudado...
E comtudo ninguem entre nós se interpôz!

Traços de mocidade extinguem-se de todo;
O cabello embranquece a ondular sobre a testa,
E n'um rosto d'asceta, um olhar sem denodo,
Paira como o luar d'uma noite funesta...

Ponho-me a analysar traço por traço a imagem,
E o meu modo de sêr n 'ella se reproduz;
A primitiva sombra era apenas miragem,
Illusão, apparencia ou capricho da luz.

O meu retrato é este, o verdadeiro: é vêl-o!
Não sou eu porventura esse velhinho ancioso?
Tantos annos de dôr branquearam-lhe o cabello,
Mas a resignação deu-lhe o riso bondoso...

THEORIA DO BEIJO

Abelhas a esvoaçar sobre um nectario... Abelhas
D'oiro! O mel d'esse nectario
Vae ser roubado agora ás papoulas vermelhas...
Primeira communhão d'amor, hostia e sacrario!

Torcei-vos, girasoes! Alleluía! Alleluía!

Fez-se purpura a alvorada...

Duas bôccas rimando a primeira poesia,
– A pureza da neve á innocencia collada!

O tempo corre; a Infancia é Mocidade; agosto

A seara amarellece...

Lateja o sangue, espuma olympica d'um mosto
Escorrendo a fervêr no esplendôr da kermesse...

Melros de bico d'oiro, assobiae na espessura!

Rosas brancas, inclinae-vos!

Quatro labios cantando as arias de bravura...

– Na pureza do arminho ha corrosivos laivos!

E quasi noite. O poente é uma fornalha extinta...

Corações mortificados,

A noire cae; a sombra alastra como tinta,

E cobrem-se de neve os cabellos doirados...

Chorae constellações! Noites de Lua!... Oremos!

A vida é um sonho breve...

– Duas bôccas reunindo os suspiros extremos...

A Saudade collada á rigidez da neve!

Ultima aurora, ultimo dia, ultimo occaso!

Ainda ha plantas em redor?

O cyclone estilhaça o derradeiro vaso,

Lasca o roble e desfolha a derradeira flôr.

Saturno ergueu as mãos no azul, frio levita!

É o ultimo estertôr...

– Quatro labios saudando a alvorada infinita:

Os dois labios da Morte e os dois labios do Amor!

O TRAPPISTA

Apparição nocturna, o solitario monge
Surge, como um espectro, às grades do convento;
A sombra do capuz cae-lhe na face, e ao longe
Echôa o seu andar cadenciado e lento.

Da abobada suspenso o lampadario oscilla;
Jorra laivos de sangue ao crucifixo erguido;
E do monge sombrio o espirito vacilla,
N'um pensamento abstracto e lugubre perdido.

Caminha de vagar sobre o lagedo e passa,
Magro pelos jejuns e a penitencia austera...

E ao ver no olhar do Christo a sempiterna ameaça,
Nas pontas do cilicio as carnes dilacera.

Ao labio não lhe assoma um riso de alegria;
Sem familia, sem lar, na tumultuaria cohorte
D'horriveis tentações que o pensamento amplía,
Aspira á Liberdade, e a Liberdade é a morte!

Assim, estranho espectro, o exausto penitente,
No claustro abandonado, á lua branca e pura,
Todas as noites vae abrindo lentamente
– Coveiro de si mesmo – a propria sepultura.

E quando encontra alguém no seu burel curvado,
Alguem, que vae como elle a campa revolvêr,
A um silencio profundo e eterno condemnado,
Brada apenas: – «Irmão, é preciso morrêr!»

.....

Assim, oh meu amor! como esse monge andamos
Cavando a sepultura ás nossas illusões,
Com a mente no azul, onde em sonhos erramos,
E a noite do sepulchro em nossos corações.

E na angustia em que nunca o pensamento dorme,
– Como um luar que vem d'inaccessiveis mundos,
Cuido ainda que tu, n'uma saudade enorme,
Inclinas para mim teus olhos moribundos...

Mas de balde procuro, ancioso, afflicto, ardente,
A ternura, a expressão, d'aquelle antigo olhar,
Que sereno e feliz vinha amorosamente
Revestir-me d'ideal, como um lençol de luar...

E comtudo se a mente exausta se debruça
No largo parapeito aereo da Ilusão,
D'entre a cinza revôlta a Esprança ainda soluça
Como triste, espectral, marmorea aparição...

Mas na minha profunda angustia cruciante,
Parece-me escutar, quasi a desfallecêr,
Não sei que estranha voz, sumida e lancinante,
Gemendo ao longe:— «Irmão, é preciso morrêr!» —

NOVE DE SETEMBRO

O Prazêr bebe-se ás gottas,
A Dôr por taças a trasbordar...
Corações a bater sob armaduras rôtas,
É bem melhor na paz da sepultura descançar!

Partistes ao rompêr da aurora, a espada nua,
Bandeira ao vento...
Mas d'essa aurora fez-se uma noite sem lua,
Do clamor da batalha um cantochão d'esquecimento.

Combatêr, para quê? Se o fulgor da Verdade
É uma restea de sol a tremêr n'uma fresta;

Dá muito menos luz, mais dubia claridade
Do que uma véla, exposta ao vento, a ardêr, n'uma floresta...

O pescador lançou no mar as suas rêdes,
Tirou conchas vasias...
E no insano lidar, as perolas que vêdes
Gera-as o soffrimento e a dôr de surdas agonias.

Desmoronou-se a vossa casa;
Tentaes de novo, mas de balde, erguêl-a dos escombros...
Só vos resta a Memoria a ardêr como uma brasa,
E o peso immenso da Saudade aos hombros!

A Ventura... o Prazêr... Tanto esforço e trabalho
Para corrêr atraz d'uma chimera estranha,
Brilhante, mas tão fragil como as perolas d'orvalho
Tremeluzindo ao sol n'uma teia d'aranha!

Desfêz-se em ruínas o meu castello...
Dos meus amigos quantos morreram!
Sinto flocos de neve a pratear-me o cabelo,
Sinto rugas por onde as minhas lágrimas correram...

SOLILOQUIO DO OUTOMNO

Como o outomno polar é nostalgico e longo!
Seis horas... Tarde triste e molhada da chuva...
Pelo horisonte, quando os meus olhos alongo,
Parece desdobrar-se um longo veu de viuva.

Penetra-me não sei que profunda saudade,
Não sei que perturbante, incoercível tristeza;
Falta-me não sei quê, – família, intimidade,
Paz, conforto do lar... tudo vaga incerteza.

Como o outomno polar é triste! A noite desce;
Não se póde sair, chove continuamente;
O calôr do fogão o meu corpo entorpece,
Vejo deante de mim tudo confusamente.

Sinto-me adormecer. Vou fumar, distrahir-me;
O fumo em espiraes toma estranhos aspectos,
Formas vagas... depois n'um desenho mais firme
Começa a transformar-se em phantasmas discretos.

Passam deante de mim, dos meus olhos nublados,
Brancas aparições n'um vapor indeciso...
Umas, d'olhos azues e cabellos doirados,
Tendo ainda no labio o perdão do sorriso,

Outras, d'olhar profundo e cabellos sombrios,
Com a mesma afflictiva e maguada expressão,
A chorar, a chorar sobre os meus desvarios
Lagrimas d'amargura e acerba accusação!

E todas lá se vão, pela mente que sonha,
A esbatêr-se, a apagar-se em nevoeiros dispersos...

Só tu restas, visão de remorso e vergonha!

Sarcastica, venal, loira d'olhos perversos!

Desperto, volto a mim; vejo o fogão sem brasas;

– Diluíram-se no fumo as visões que sonhei...

E a chuva sem cessar! Quem me dera ter azas!

Para fugir, voar... para onde? Nem sei...

NOITE DE NATAL

(A UM PEQUENITO, VENDEDÔR DE JORNAES)

Bairro elegante, – e que miseria!
Rôto e faminto, á luz sideria,
O pequenito adormeceu...

Morto de frio e de cansaço,
As mãos no seio, erguido o braço
Sobre os jornaes, que não vendeu.

A noite é fria; a geada cresta;
Em cada lar, signaes de festa!
E o pobresinho não tem lar...
Todas as portas já cerradas!

Oh almas puras, bem formadas,
Vêde as estrellas a chorar!

Morto de frio e de cansaço,
As mãos no seio, erguido o braço
Sobre os jornaes, que não vendeu,

Em plena rua, que miseria!
Rôto e faminto, á luz sideria,
O pequenito adormeceu...

Em tôrno d'elle – oh dôr sagrada!
Ao vêr um circulo sem geada
Na sua morna exhalação,

Pensei se o frio descaroavel
Do pequenino miseravel
Teria magua e compaixão...

Sonha talvez, pobre innocente!
Ao frio, á neve, ao luar mordente,
Com o presépio de Belem...

Do ceu azul, ás horas mortas,
Nossa Senhora abriu-lhe as portas
E aos orfãosinhos sem ninguem...

E todo o ceu se lhe apresenta
N'uma grande Arvore que ostenta
Coisas d'um vívido esplendôr,

Onde Jesus, o Deus Menino,
Ao som d'um cantico divino,
Colhe as estrellas do Senhor...

E o pequenito extasiado,
N'aquelle sonho illuminado
De tantas coisas immortaes,

– No ceu azul, pobre creança!
Pensa talvez, cheio d'esprança,
Vendêr melhor os seus jornaes...

ABANDONO

As abelhas d'oiro fogem da colmeia,

Vão na terra alheia

Fabricar o mel...

As abelhas d'oiro, d'infieis amores,

Ao murchar das flôres

Fogem do vergel.

Sem levar saudades lá se vão embora,

E nenhuma chora,

Nem se lembra mais

Das primeiras rosas, dos primeiros favos,

Madresilvas, cravos,

Girasoos, myrtaes...

Lá se vão em bando, no doirado enxame,

Já sugado o estame

Á derradeira flôr...

E não voltam nunca, nunca mais regressam,

E talvez esqueçam

O primeiro amor.

E na casa em ruínas, já sem mel nem rosas,

Larvas tenebrosas

Foram-se abrigar...

Já não cantam aves no silêncio morno,

Andam só em tórno

Corvos a voar...

Madresilvas, lírios, primavera alada,

Oiros da alvorada,

Mocidade em flôr!

Foram-se as abelhas... Coração vasio!

Veio a Noite, o frio,

A solidão e a Dôr!

JUNTO DO ALTAR

Nossa Senhora tem o peito atravessado
Por sete espadas, infinitas dôres...
Monjas de rosto macerado,
Ungi-lhe os pés de lagrimas e flôres!

Como um jardim d'exangues açucenas,
Soffregas de luar,
Erguei as vossas mãos torturadas de penas
Para o pranto que vae dos seus olhos rolar.

Cada lagrima sua é um diluvio de graça
Na deserta aridez do vosso coração;

Em ceu canicular o chuveiro que passa
Alaga e refrigera o calcinado chão!

Ajoelhae, rezae, monjas d'olhos queimados
Do continuo chorar sobre as culpas alheias!
Rezae por nós, por nossas culpas e pecados...
A prece embala como um côro de sereias.

Quem me dera podêr como vós ajoelhar-me,
Erguer súplices mãos torsionadas de dôr,
Confessar o meu erro em desvairado alarme
E obtêr do seu labio o perdão redemptôr!

Vento de tempestade em tenuissima chamma,
Um halito de morte em minh'alma soprou...
Mas como um grito vão que a vossa fé proclama,
No meu labio impotente a blasphemia ficou!

Se tu não és, Senhora Nossa, Estrella e Guia,
Mãe de Deus, medianeira entre o Ceu e o Peccado,
Quem nos meus labios poz esta acerba Ironia
E o teu peito deixou de lanças traspassado?!...

NO MEZ DE ABRIL

A Primavera bateu-me á porta...
– Abri-lhe a porta de par em par!
Mas vinha pallida, vinha morta
De tantos frios atravessar.

Visita alguma tão agradavel
Para a minh'alma podia sêr;
Depois do Inverno descaroavel
No teu regaço vou-me aquecêr.

Ha cinco mezes que a neve rola,
Ha cinco mezes, sem descançar,

Em alvos flocos, plumas de rôla
Que ao vento frio dansam no ar...

Mas os teus olhos, reparo agora,
Não tem o brilho que tinham d'antes,
E os teus cabellos, fios d'aurora,
São menos fulvos e deslumbrantes.

Foi a fadiga da longa viagem...
Porém, que importa? quando sorris,
Sempre em teus olhos vejo a paysagem
Verde e doirada do meu paiz.

Abre os teus braços, limpa o teu pranto,
Sacode os raios dos teus cabellos!
Ficas immovel, no teu quebranto,
Olhos vidrados de pesadelos?!

Não és a mesma da minha Infancia,
Não és a mesma da Mocidade!
A tua antiga, subtil fragrancia
Respiro-a ainda, mas com saudade...

– «Ah meu amigo, como te illudes!
Eu sou a mesma, vem-me beijar!
Foram os annos, invernos rudes,
Que perturbaram o teu olhar...

«Eu bem o vejo, bem o presinto,
A minha vista já não te inflamma!
És como a cinza d'um fogo extincto,
Tepida ainda, mas já sem chamma...»

SILENCIO

Longos dias sem luz, sem horizontes claros,
Tardes septentrionaes d'um silencio sem fim...
E esses olhos do Sul a brilhar como pharos,
Mas suspensos do azul, muito longe de mim!

Vasto lençol de neve amortalhando tudo!
Florestas sem murmurio, estradas sem ninguem...
N'esta desolação até o oceano é mudo,
Que a vaga, ao rebentar, se congelou tambem!

Sol sem calôr, sem luz, tremeluzindo a custo,
Como um phosphoro a ardêr n'um nevoeiro alvacentos...

De longe em longe algum esqueleto d'arbusto...
Silencio e solidão! nem rumor d'agua ou vento!

Devem de sêr assim as paysagens lunares,
Sem vida e sem calôr... neve, silencio, frio!...
Mas n'um ceu côm de zinco, esvoaçando aos pares,
Os cysnes brancos vem annunciando o estio!

Só no meu coração todo o gêlo amontoado
Para se derretêr e fundir de repente,
Precisava o calôr do teu seio estrellado
N'este exilio polar, como um ceu do Occidente.

BALLADA DOS AMANTES

(CANÇÃO DO NORTE)

Sentada junto á murmura corrente
Scismava a melancholica donzella,
Mirando-se nas aguas tristemente:
– «Meu Deus! Meu Deus! Se sou formosa e bella,

«De que me serve a formosura?» – exclama –
«Ólho, e não vejo a mão que ha de colhêr-me...
«Aquelle a quem amei, já me não ama,
«E tão longe de mim, não póde vêr-me!

«Rosas sylvestres para o chão curvadas,
«Se soubesseis a dôr que me suffoca!
«Rosas que suspiraes, rosas maguadas,
«Tingi-vos no carmim da minha bôcca!

«Oh nuvens que passaes, oh nuvens d'oiro,
«No clarão fugitivo do sol posto!
«Como eu reparto as joias d'um thesoiro,
«Inflammae-vos no incendio do meu rosto!

«Meu coração não tem onde se acoite,
«Barquinha abandonada entre os escólhos;
«Estrellas que sorris, lirios da noite,
«Abrasae-vos no lume dos meus olhos!

«Tu, dos que soffrem socegado abrigo,
«Berço de paz, meu derradeiro norte!

«Vem recebêr-me no teu seio amigo,
«Toma o que é teu, ditosa e amada Morte!»

Ergueu-se então para lançar-se ás aguas,
A soluçar, com lagrimas saudosas,
Como joias de luz, feitas de maguas,
Tremendo nas pupillas melindrosas...

De subito apparece e vem sustêl-a,
O suspirado amante que a buscava;
Mas a formosa e languida donzella
D'alegria e surpresa desmaiava.

E elle, abrasado na amorosa chamma,
Com voz tremente, que a emoção suffoca,
– «Eu sou a Rosa, oh meu Amor!» – exclama –
«Dá-me o vivo carmim da tua bôcca!»

E n'isto, um beijo se escutou, roçando
Á flôr d'um labio setinoso e brando...

«Sou a Nuvem que passa, a nuvem d'oiro,
«Como um palacio nómada, ao sol posto;
«Vim roubar uma joia ao teu thesoiro,
Inflammar-me no incendio do teu rosto!»

E n'isto, um beijo se escutou na face,
Como harpejo subtil que se evolasse...

«Sou a Estrella a sorrir, lirio da noite,
«Vim guiar o teu barco entre os escólhos;
«Teu coração já tem onde se acoite,
«Abrasa-me no lume dos teus olhos!»

E n'isto, um beijo se escutou, libado
No seu languido olhar, meio cerrado...

«Sou dos que soffrem socegado abrigo,
«Berço de paz, teu derradeiro norte;
«Reclina a fronte no meu seio amigo...
«Vou levar-te commigo... eu sou a Morte!»

E tomando-a nos braços, dolorida,
Perdeu-se na floresta indefinida...

NO CAMPO

Terras do Norte, meu longinquo exilio!
Aguas tranquillas, pinheiraes, rochedos...
Por estes bosques nunca andou Virgilio,
Nem melros cantam n'estes arvoredos...

T'erras do Norte, meu longinquo exilio...

Lagos sem fim; desertos sem miragem;
Mares sem ondas na toalha azul;
Nem uma ave d'auroreal plumagem,
Nem uma planta que recorde o Sul!

Lagos sem fim, desertos sem miragem...

Longos occasos d'esvaídas côres,
Na paz discreta em que as paysagens morrem,
Nem choram fontes nos jardins sem flôres,
Nem vôam aves, nem as aguas correm.

Longos occasos d'esvaídas côres...

O azul do ceu é desmaiado e frio;
O azul dos olhos sem fulgôr latente;
Doira os cabellos este sol do estio
Mas não aquece o coração da gente...

O azul do ceu é desmaiado e frio...

INVERNO

Miña nai, quando m'eu morra,
Se morrer em Ponte Vedra
Medraran rosas na cova...

Canção popular gallega.

Noite profunda, noite impassível!

O alvôr da neve, cobrindo tudo,

Torna o silencio quasi visível...

O alvôr da neve cobrindo tudo.

São como espectros de coisas mortas

As grandes sombras dos arvoredos...

São como espectros de coisas mortas,
Lentos, dizendo graves segredos.

Noite profunda, ceu sem estrelas...
Só na minh'alma soluça o vento,
Só na minh'alma rugem procellas,
Só na minh'alma soluça o vento!

E a neve rola continuamente
Na sua immensa desolação;
E a neve rola continuamente,
Mas cae-me toda no coração.

A noite immensa tudo escurece,
Mas os meus olhos, da terra estranha,
Vôam ás praias que o sol aquece,
Ás praias d'ouro que o Tejo banha!

Oh meus amigos, quando eu morrer
Levae meu corpo despedaçado,
Para que possa, já sem sofrer,
Dormir na Morte mais descansado!

Nasci á beira do Rio Lima,
Rio saudoso, todo crystal;
D'ahi a angustia que me victíma,
D'ahi deriva todo o meu mal.

É que nas terras que tenho visto,
Por toda a parte por onde andei,
Nunca achei nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.

São aguas claras sempre cantando,
Verdes collinas, alvôr d'areia,
Branças ermidas, fontes chorando
Na tremulina da lua cheia...

E funda a mágua que me exaspéra,
Negra a saudade que me devora...

Annos inteiros sem primavera,
Manhãs escuras sem luz d'aurora!

Oh meus amigos, quando eu morrer
Levae meu corpo despedaçado,
Para que eu possa, já sem sofrer,
Dormir na Morte mais descansado.

Olhos d'Aquella que eu estremeço,
Se de tão longe podesseis vêr-me!
Olhos divinos que eu nunca esqueço,
Morro de frio, vinde aquecêr-me...

DURANTE A PROCELLA

I

IDEAL

Ils marchent devant moi ces yeux pleins de lumières...

BAUDELAIRE.

Olhos negros, eguaes a dois lagos dormentes
Onde o luar se esqueceu uma noite a sonhar!
Sois indistinctamente astros phosphorescentes
E cirios funeraes nas trevas a brilhar...

Em que chamma accendeis, Olhos dorninadôres,
O mortuario clarão que os meus passos conduz

Pela estrada suprema onde as Maguas e as Dôres
Pesam mais sobre mim que o lenho d'uma cruz?!

Ficam tintas de sangue as pedras do caminho,
Mas deante de mim esses pharoes a ardêr
Vertem confusamente a embriaguez do vinho,

E eu sigo sem sabêr, por essa estrada fóra,
Se o ineffavel clarão, que deslumbra o meu sêr,
Sae do Inferno ou do Ceu, vem do Poente ou da Aurora!

II

OCCASO ESPIRITUAL

Até hoje cantei o Amor e a Mocidade,
E n' essas illusões trouxe a minh'alma absorta;
Mas o Tempo não tem descanso nem piedade,
O Amor desfez-se em poeira, a Mocidade é morta!

D'esse palacio de oiro e purpura, a Saudade
Ficou como uma estatua á funeraria porta;
E em seu olhar d'espectro, a augusta claridade
É o unico esplendôr que o pensamento exhorta.

Vale a pena vivêr quando a Existencia é isto?
Rasgar os pés transpondo a Rua da Amargura
Para bebêr o fel na esponja do Imprevisto?

Ah, como tudo é vão, mesmo o sabêr profundo!

– Ridicula invenção de ingenua creatura

Que sobre um grão de areia edificasse um mundo!

III

A ARANHA

Depois d'aquelle «adeus» que em beijos escondemos,
Quiz ver ainda uma vez o nosso ninho, a alcova
Onde por nossas mãos urdimos e tecemos
Essa eterna illusão do Amor, que é sempre nova...

Entro, pé ante pé, n'uma anciedade estranha,
E, a fallar-me de ti tudo o que me rodêa,
Vejo sobre o teu leito uma sinistra aranha,
Como outr'ora nós dois, comendo a sua teia.

Cae-me das mãos a luz! fico petrificado!
Pela janella aberta o luar meio azulado
Tornava ainda maior a sombra em que fluctua...
E como um grito vão de angustia inconsciente,
Ouviam-se a distancia os cães sinistramente
A uivar, a uivar, a uivar contra o Silencio e a Lua!

IV

O CHÔRO

Deixa aos olhos subir teu chôro concentrado,
Alma triste, de magua e desespero louca!
É um allivio chorar, quando o peito esmagado
Estrebuxa nas mãos da angustia que o suffoca!

Deixa o pranto rolar, pois que a dôr te devora,
Nos teus olhos que estão queimados de soffrêr...
Se a lagrima reflue ao coração que a chora,
É uma onda de lava, uma torrente a ardêr!

Mas essa lava a ardêr, como um rócio bemdito,
Sobre o incendio da Dôr, do nosso olhar afflicto,

Muda-se, ao resvalar, em simples gotta d'agua.
Deixa o pranto rompêr dos teus olhos enxutos,
Alma triste, e rolar sobre angustias e luctos
Como orvalho a cair sobre os goivos da Magua!...

V

TENEBROSA

És a Elektra distante a quem do exílio envio,
Como uma flôr nocturna, o pensamento exangue...
Vae de novo acolhêr-se ao teu genio sombrio
E novo alento haurir no rancôr do teu sangue!

Empresta-lhe o vigôr da tua ferrea vontade
Para não succumbir quando a Vinganca é prestes!
Longe dos olhos teus, negros de tempestade,
Estremece e vacilla o coração d'Orestes!

A dôr que nos reuniu brotou do mesmo ultrage!
Mas se a memoria sangra e o espirito reage
Vendo feliz e amado o insolito ladrão,

O braço tomba inerte e desmaia a coragem,
Porque a flôr da Piedade, espontanea e selvagem,
Brota no mais deserto e miseravel chão!

VI

O ESPECTRO

Não me amedrontas, não, tenebroso Esqueleto,
Que vens, diante de mim, alta noite passar...
Ha muito já que trago o coração de preto,
E que em minh'alma escuto os sinos a dobrar.

Quem és tu, quem és tu? D'onde vens, d'improviso?
Se és a Morte, bem vês, como ha de ella assustar
Quem dos labios deixou resvalar o sorriso,
E nos olhos sentiu todo o pranto seccar?!

Responde: quem és tu? Liberta-me! A Existencia
É o carcere onde geme a nossa alma escrava,
E sobre mim perpassa um vento de demencia,

Como o sopro de morte e ruina e pesadelos,
Que em Elsenor, sobre a esplanada, desgrenhava
Pela fronte d'Hamlet os revoltos cabellos...

VII

A CAVEIRA

A ti, caveira immunda, eu, Hamlet, pergunto:
Onde a graça do olhar, a luz que te incendiava?
Por que fendas saiu do craneo desconjuncto
O espirito, a razão, a consciencia, a lava?

Sustenho-te na mão com repugnancia e nojo,
A ti, que eras um mundo! e o teu riso sem labios,
Como um rictus de fera a espreitar do seu fojo,
É mais reveladôr que a bôcca de mil sabios!

Borboletas do sonho, inspirações sublimes,
Tudo quanto brotou d'essa abobada hiante,
– Chimeras, intenções, larvas negras de crimes –,

Desfez-se em pó, perdeu-se em fumo pelo espaço,
E d'essa imensa forja em ignição constante
Nem te resta sequer o mais ligeiro traço!

Corpo de Lyra grega! Esculptura impeccavel
Que o Extasis gerou n'um seio de Gioconda!
Linhas puras d'estatua! Esplendôr ineffavel!
– Sereis um dia eguaes a essa caveira hedionda!

Olhos negros, aos quaes o meu olhar se eleva
Como aos raios do luar mandrágora funesta;
Cabellos torrenciaes, como um rio de treva,
Esbatendo, apagando o resplendôr da testa...

Esvae-se-me a rasão nas sombras do problema!
Pois quê! mesmo a Belleza, essa illusão suprema,
É isto unicamente, a mascara do Nada?

Eu proprio, o que sou eu? Chamma quasi apagada...
Mas instinctivamente o meu labio estremece
N'um murmurio, nem sei se de blasphemia ou prece.

VIII

REFUGIUM PECCATORUM

O coração que chora resignado,
Tendo perdido as illusões da vida,
Como um passaro em busca de guarida,
Acolhe-se ao teu seio immaculado.

És como um rio azul, rio sagrado
Em cuja transparencia adormecida,
Se transforma a existencia pervertida
E se lavam as culpas do Peccado.

Bem dita sejas tu, cuja bondade
Tem sorrisos de paz e de perdão,
Para os tristes que vivem na orfandade,

Para a dôr que não tem consolação...
Bem dita sejas tu, que és a Piedade,
Conduzindo a Miséria pela mão!...

EPILOGO

AQVI JAZ FEIJOO ESCVDEIRO
BON FIDALGO E VERDADEIRO
GRAN CAZADOR E MONTEIRO

Epitaphio d'uma sepultura no Mosteiro de Celanova.

A casa bem provida,
A tulha cheia, a adéga a trasbordar...
Como foi bella a tua vida,
E como o teu destino é de invejar!

Sem amarguras nem cuidados,
Nas tuas terras da Galliza,

Passaste a vida a montear veados,
Alegremente, descuidadamente,
Como um doce regato que deslisa,
Cantando entre ravinas e vallados,
No seu leito d'areia alvinitente.

Bom fidalgo e verdadeiro,

Eras sádio e forte,
Nobre, ingenuo, leal, corajoso a valêr;
E, – ventura suprema, ou galardão da Sorte! –
Supponho até que nem sabias lêr!

Gran cazador e Monteiro,

Não conhecias codigos nem lei;
Mas se o rude invasôr vinha a Patria ameaçar,
Sabias com ardôr bater-te pelo Rey
E nobremente o sangue derramar!

Bon fidalgo e verdadeiro,

Finda a campanha, aos teus dominios regressavas,
Com a tua mesnada heroica e bella,
Teu pendão e caldeira;
E aos teus servos attonitos contavas,
Em volta da lareira,
As proezas dos nobres de Castella
Nas guerras da fronteira.

Passaste uma existencia sem cuidados,
Sem a tortura atroz do Pensamento,
A montar javalis, a perseguir veados,
E a derrubar cachopas nos vallados
Entre o centeio verde a baloiçar-se ao vento...

Bom fidalgo e verdadeiro,

Gran cazador e Monteiro,

Como foi bella a tua vida
E como o teu destino é d'invejar!
Com a paz do Senhor, a casa bem provida,
A tulha cheia, a adéga a trasbordar...

Se visses em que lympha miseravel
Se transformou teu sangue generoso,
Oh meu avô! o teu braço indomavel
Cahira de vergonha, inerte e pesaroso!

Formado entre sorrisos cortezãos
N'um tempo d'elegancia effeminada,
Nem com ambas as mãos
Poderia empunhar a tua espada!

Teu neto, *bon fidalgo e verdadeiro*,
Nem caçador, nem monteiro!...

Tenho medo do sol, do mar, das tempestades,
E enchem-me de terror, pelas noites caladas,
Os cães a uivar no pateo das herdades,
O grito dos pavões e o rugir das levadas!

Sou d'aquelles que passam a existencia
Soffrendo imaginarios pesadelos...
Quantas vezes os dedos da Demencia
Tem desgrenhado os meus cabellos!

Mas... sei lêr e contar. Fiz estudos ás largas;
Li, pensei, meditei... que sei eu do que existe?
Dos livros só tirei desillusões amargas,
E das contas que fiz... desigualdade triste.

A montanha da Vida ás cegas escalando,
Se ao vertice cheguei, que posso concluir?

Nasci, não sei por quê, e á tôa caminhando,
Ignoro onde me leva o incognito porvir;
Só sei que hei de morrer, mas nem sequer sei quando...
Não era bem melhor, a tua vida imitando,
Sob o mesmo epitáfio, oh meu avô, dormir?!

*Bon fidalgo e verdadeiro,
Gran cazador e monteiro,*

Ah, como o teu destino é d'invejar!

Como foi bella a tua vida!

Tinhas a tulha cheia, a adéga a trasbordar,

A casa bem provida...

E tinhas Deus para te consolar!

FIM.

ACABADO DE IMPRIMIR

Aos dez de maio de mil oitocentos noventa e sete

NOS PRELOS DA

IMPrensa NACIONAL

PARA

M. GOMES, EDITOR

Rua Garrett (CHIADO), 70–72

LISBOA